

Mia Couto: o suplemento de origem, em *Terra Sonâmbula*...

Jose Paulo Pereira* 

Introdução

Terra Sonâmbula foi o primeiro romance de Mia Couto. O que nele nos interessa é, desta vez, examinar alguns dos pressupostos de uma certa ideia de *escrita* que, emergindo na história de Muidinga, dirá respeito aos cadernos de Kindzu. É nesta cena que se manifesta a fórmula daquilo que nos interessa desdobrar:

Muidinga inspeciona os papéis. – *Veja, Tuahir. São cartas. / – Quero saber é das comidas. [...] Que estás a fazer, rapaz? / – Estou a ler. [...]* O miúdo lê em voz alta. Seus olhos se abrem mais que a voz que, lenta e cuidadosa, vai decifrando as letras. Ler era coisa que ele apenas agora se recordava saber. O velho Tuahir, ignorante das letras, não lhe despertara a faculdade da leitura. [...] Os cadernos de Kindzu se tinham tornado o único acontecer naquele abrigo. (COUTO, 2020, p. 18-19; 51).

“Cartas”, portanto... Mas, que *cartas*? A quem se dirigiriam elas? Que interlocutores teria Kindzu? Porque – note-se: em nenhum momento da sua história ele nos fala, nem de *cartas*, a propósito dos seus escritos, nem daqueles com quem se corresponde... O que explica, então, esta designação, sabendo nós que Muidinga é, no romance, a figura do leitor que, aqui, também somos? Não nos sugere ela que, na sua leitura, intervenha já uma certa lógica do *suplemento*? De que se trata, afinal, neste caso? Encontramos, em *De la grammatologie*, de Jacques Derrida, uma definição útil do termo. Ela contém dois aspetos que não é possível ignorar, resultantes da sua leitura crítica da obra de Jean-Jacques Rousseau. Por um lado:

[...] le concept de supplément — qui détermine ici celui d’image représentative — abrite en lui deux significations dont la cohabitation est aussi étrange que nécessaire. Le supplément s’ajoute, il est un surplus, une plénitude enrichissant une autre plénitude, le *comble* de la présence. Il cumule et accumule la présence. (DERRIDA, 1967b, p. 201).

Por que é, então, que o suplemento *determina*, aqui, o conceito de *imagem representativa*? Em que sentido é ele *cumulativo*? No sentido de que toda a imagem se diria vir a *suprir* a ausência da coisa representada, tematizada, visada pelo discurso. Se a representamos discursivamente é pois, talvez, na impossibilidade de, *à própria coisa*, a termos presente. Uma vez que a *imagem* – aqui dita *representativa* – a nada mais ambiciona do que a tornar presente aquilo mesmo de que se constitui, provisoriamente, como *representação* dir-se-ia, então, que ela mais não faz que repetir, tornar presente, suprir a falta desse ausente. O *suplemento* seria, nesse sentido, enquanto mero delegado, apenas um acréscimo, em relação à

* Doutorado pela Universidade do Algarve (UAlg), Faro, Portugal. Professor Doutor da Universidade do Algarve (UAlg), Faro, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3512-0726>. E-mail: jplmcpereira@gmail.com

coisa já existente, mas que ele mesmo vem expressamente representar. Nesse sentido, ele mais não faria que *cumular e acumular-se* ao ente que, ali ausente, ele vem evocar. Ora, além deste primeiro sentido, o termo *suplemento* tem um outro:

Mais le supplément supplée. Il ne s'ajoute que pour remplacer. Il intervient ou s'insinue *à-la-place-de*; s'il comble, c'est comme on comble un vide. S'il représente et fait image, c'est par le défaut antérieur d'une présence. Suppléant et vicaire, le supplément est un adjoint, une instance subalterne qui *tient-lieu*. En tant que substitut, il ne s'ajoute pas simplement à la positivité d'une présence, il ne produit aucun relief, sa place est assignée dans la structure par la marque d'un vide. (DERRIDA, 1967b, p. 202).

Assim, se o suplemento é de ordem meramente supletiva e vicária; se ele é uma instância dependente do representado – como a sua imagem ou a sua sombra se poderiam tomar por seus representantes – a verdade é que a sua representativa intermediação traz já, consigo, uma espécie de insidiosa sugestão. Aquela que se diria minar, precisamente, a noção da natureza subalterna que nele destacámos. Pois que, ao *suprir a ausência da coisa representada, a sua imagem sugere (e marca já), também, o seu próprio vazio*. Representante da coisa, ele tenderia, assim, a *substituí-la*. Ora, substituindo-a, tenderia a interrogá-la – fazendo-o já quanto à natureza da sua própria existência, enquanto simples presença: *uma vez que surge em seu lugar*. O suplemento passaria, assim, de *representante* a *substituto* e, desse modo, por uma espécie de inesperada reviravolta, de mera cobertura representativa à interrogação da sua própria natureza derivada:

Chaque une des deux significations s'efface à son tour ou s'estompe discrètement devant l'autre. Mais leur fonction commune se reconnaît à ceci: qu'il s'ajoute ou qu'il se substitue, le supplément est *extérieur*, hors de la positivité à laquelle il se surajoute, étranger à ce qui, pour être par lui remplacé, doit être autre que lui. À la différence du *complément*, disent les dictionnaires, le supplément est une 'addition extérieure'. (DERRIDA, 1967a, p. 202).

Em síntese, pelo seu próprio carácter, simultaneamente *interior* e *exterior*, o suplemento deixar-nos-ia à vista o que haveria de (re)orientação de sentido na sua substituição. Pois uma vez que ele supre a presente lacuna do representado, é também a partir dela que deve justificar a sua própria necessidade. Com efeito, é Jacques Derrida quem nos lembra de que, ao contrário da lógica da identidade, própria do pensamento clássico:

[...] la logique de la suplementarité [c'est la logique] qui veut que le dehors soit dedans, que l'autre et le manque viennent s'ajouter comme un plus qui remplace un moins, que ce qui s'ajoute à quelque chose tienne lieu du défaut de cette chose, que le défaut comme dehors du dedans soit déjà au-dedans du dedans, etc. (DERRIDA, 1967a, p. 296).

O que significa não somente que: *a*) na exterioridade do suplemento se implica, assim, uma certa autonomia, mas também que: *b*) a sua justificação se faz por uma dada natureza lacunar do ente suprido: precisamente no *fora* do seu dentro, que põe a descoberto um *dentro* do seu interior. O que tenderia,

assim, a indicar-nos, nos movimentos de substituição a que o processo de suplementação dá lugar, as orientações do processo de reinscrição que, ao mesmo tempo, por seu intermédio, emergem. Ora, em que sentido Muidinga, uma vez colocado diante dos *escritos* de Kindzu, lhes chamaria *cartas*? Vejamos, tentando uma primeira aproximação, a que é que isso corresponde, do lado de Kindzu. De facto, quando interpelado a certa altura pelo xipoco¹ de Taímo – o fantasma de seu falecido pai... – acerca daquilo em que se vem ocupando, de caderno na mão, eis o que Kindzu nos diz. Vejamos o diálogo em que a sua resposta se situa:

O xipoco me perguntou: / – *O que aprendeste debaixo da casca desse mundo?* / – *Eu quero voltar, estou cansado. **Eu agora sei quem és, me ajude a voltar...*** / – ***O que andas a fazer com um caderno, escreves o quê?*** / – *Nem sei, pai. **Escrevo conforme vou sonhando.*** / – *E alguém vai ler isso?* / – *Talvez.* / – ***É bom assim: ensinar alguém a sonhar.*** (COUTO, 2020, p. 297-298; negritos nossos).

A primeira pergunta de Taímo remete-nos para a ideia de viagem como processo de aprendizagem². Todavia, o que permanece “debaixo da casca desse mundo” (COUTO, 2020, p. 297) sugere, no entanto, elementos da cultura bantu³. A resposta de Kindzu – “***Eu agora sei quem és, me ajude a voltar...***” – prender-se-ia, contra o que lhe teria ensinado a sua formação escolar, junto do pastor Afonso, com a identificação da figura do xipoco com a de seu falecido pai, enquanto “morto desconsolado” (COUTO, 2020, p. 69; negrito nosso). Ora, quando se trata de se pronunciar acerca do que faz, é então que a sua resposta se torna interessante, para aquilo a que aqui nos propomos: “Nem sei, pai” (COUTO, 2020, p. 297). Di-lo para, depois, vir a acrescentar: “*escrevo conforme vou sonhando*” (COUTO, 2020, p. 297; sublinhado nosso). Ora, esse diálogo prossegue:

– *Mas pai, o que se passa com esta nossa terra?* / – *Você não sabe, filho. Mas **enquanto os homens dormem a terra anda a procurar.*** / – *A procurar o quê, pai?* / – ***É que a vida não gosta sofrer. A terra anda procurar dentro de cada pessoa, anda a juntar os sonhos. Sim, faz conta ela é uma costureira dos sonhos.*** / – *Espera, pai. Não vá que eu preciso contar uma coisa. Não vá...* (COUTO, 2020, p. 298; negrito nosso).

¹ Cf. Polanah (1987, p. 148) “‘Xipoco’ ou ‘Chipoco’ (do boer ‘spook’, fantasma). Espírito utilizado em práticas de feitiçaria e que pode, portanto, ser dominado e posto ao serviço de um feiticeiro”. Para Henri A. Junod (1913, p. 387), o xipoco dir-se-ia corresponder a: “the gods of bitterness, or of the bush, who attack the traveller. [...] They are jealous, and avenge themselves when forgotten. The only sin which seems to be worthy of punishment is to neglect them”.

² Ideia também comum ao Ocidente, como se vê pelo que nos diz Walter Benjamin, em “O Contador de Histórias”: “A voz do povo diz que ‘quem faz uma viagem traz sempre muito que contar’” (BENJAMIN, 2015, p. 149).

³ A ideia de que o mundo dos deuses ancestrais se situa debaixo da terra é uma das concepções apuradas por Henri Alexandre Junod, no seu *The life of a South African Tribe: vol. II – The Psychic Life*: “The ideas about these two points [the abode of the ancestor-gods and their mode of life] some tell you that the departed go to a great village under the earth, a village where everything is white (or pure, ‘ku basa’); there they till the fields, reap great harvests, and live in abundance, and they take of this abundance to give to their descendants on earth. They have also a great many cattle. The place, where they live, seems to be a kind of Hades or Paradise. [...] Another] idea [...] is that the gods reside in the sacred woods [...]” (JUNOD, 1913, p. 350). A pergunta de Taímo não deve, pois, ser estranha a esta concepção, na medida em que viajar supõe a possibilidade de enfrentar a vontade antagónica dos espíritos.

A conversa é, depois, interrompida pela chegada de Quintino Mussua, o guia que levará Kindzu a um certo campo de deslocados, em busca de tia Euzinha e, junto dela, de informações acerca de Gaspar, o filho de Farida, a mulher por quem Kindzu se apaixonara, e a quem prometera encontrar o filho.

Os sonhos como cartas: a sobrevivência de Muidinga

Mas o diálogo entre Kindzu e o fantasma de seu pai dá-nos que pensar. Pois “esta nossa terra” (Couto, 2020, p. 298) dir-se-ia, então, que *não dorme...* Dormirá? O que faz ela, pela calada da noite? “Anda a procurar dentro de cada pessoa, anda a juntar sonhos” (COUTO, 2020, p. 298). Deambula, portanto: *son(h)ambula*? Ora, se voltarmos, agora, a Muidinga, há um momento em que ficamos, de facto, a saber das razões pelas quais, aos *sonhos* de Kindzu, ele lhes chama *cartas*. Esse momento tem lugar, também ele, depois de um sonho:

Na manhã seguinte, o miúdo é o primeiro a acordar, o chão lhe doendo nas costas. Aquela noite lhe dera a certeza: *os sonhos são cartas que enviamos a nossas outras, restantes vidas*. Os cadernos de Kindzu não deveriam ter sido escritos por mãe de carne e ossuda mas por sonhos iguais aos dele. (COUTO, 2020, p. 106; *italico nosso*).

As *cartas* de Kindzu são, afinal, *sonhos*. Não sonhos de ou com cartas, mas sonhos como/enquanto cartas. E será a segunda e última vez – note-se! – que, no romance, se fala de *cartas*, a propósito dos escritos de Kindzu. Não se trata, no entanto, de abandonar o critério de leitura subjacente à afirmação, mas de lhe conferir uma modulação própria. Se os seus escritos são cartas é, afinal, porque os sonhos que há neles – enquanto *envios às nossas outras, restantes vidas* – o são, de um modo particular: são-no, por um lado *a)* sem intervenção da mão que escreve: *de carne e ossuda*. O que significaria que a sua respetiva *escrita* seria, então, *anterior à escrita* no sentido corrente e metafísico do termo: pressuporiam, assim, uma escrita psíquica. E porque se trataria, por outro lado, *b)* nessas cartas-sonhos, de um *suplemento* de memória. Pois Muidinga, como se verá, sofre de amnésia... De que sonho extrai ele a sua convicção de que os sonhos são cartas, enviadas às “nossas *outras, restantes vidas*” (COUTO, 2020, p. 106)? Ei-lo:

Muidinga sonha agitado. Lhe surgem, confusas, imagens de um tempo que ele nunca foi capaz de tocar. Muidinga se revê menino, saindo de uma escola. Mas nenhum rosto é legível, mesmo a escola não tem fachada. Confusas vozes lhe afluem: chamam por si. Lhe chamam por um outro nome. Tenta desesperadamente entender esse nome. Mas os sons se desfocam, em eco de cacimbo. Depois, tudo se esfuma, dentro de seu sonho. (COUTO, 2020, p. 105-106).

Ora, sobre a interpretação do seu sonho, nada nos é dito. Apenas sabemos, agora, que é uma *carta* recebida do seu passado. O que faz ela? Traz consigo a notícia de um outro mundo, uma outra vida, em *suplementar* alusão a um certo e imemorial *além*, anterior, na sua vida, ao seu presente de agora. Quanto ao resto, o dado realmente transversal ao sonho é o da indefinição dos seus elementos. Nenhum dos rostos dos restantes meninos é *legível*; a escola não é identificável porque *não tem fachada*; o nome pelo qual os colegas o tratam permanece *inaudível*: as vozes permanecem enredadas, confusas. Muidinga

continua, pois, – uma vez negado o seu atual nome: que seria, afinal, outro, num sonho que procederia do seu passado... – anônimo, por baixo do nome que usa. Quer entre os outros alunos de então – também eles, no sonho, *de rosto sem leitura* – quer agora que, já por fora do sonho, sabe(mos) não se ter ele chamado assim. Quem teria sido, antes de ser o que agora era? Instado a pronunciar-se, Tuahir resistiu o quanto pôde a contar-lhe o que sabia. Haveria, contudo, um momento em que, finalmente, o velho acederia. Sabíamos já, desde o início do romance, que:

Quem o recolhera fora o velho Tuhair, quando todos outros o haviam abandonado. O menino estava já sem estado, os ranhos lhe saíam não do nariz mas de toda a cabeça. O velho teve de lhe ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar. Muidinga se meninou outra vez. Esta segunda infância, porém, fora apressada pelos ditados da sobrevivência. Quando iniciaram a viagem já ele se acostumava de cantar, dando vaga a distraídas brincadeiras. (COUTO, 2020, p. 14).

O que só faria com que se acumulassem as questões: quem o tinha, afinal, abandonado? Diante de que dificuldades? O que acontecera, realmente? Ora, apenas é dito, no começo do romance, que “se nota nele um leve coxear, uma perna demorando mais que o passo. Vestígio da doença que, ainda há pouco, o arrastara quase até à morte” (COUTO, 2020, p. 14). Que doença de tal forma o atingira e o pusera à beira da morte? É numa das suas expedições, em busca de alimentos, a partir do autocarro onde se abrigam que, com ambos diante de uma antiga machamba de mandioca, o assunto se instala:

Quando Muidinga se preparava para comer Tuahir grita: / – *Não comas! [...] Vou-lhe contar, miúdo. Foi por causa de mandioca dessa que você apanhou doença.* [...] E conta: ele estava no campo de deslocados, vindo da sua aldeia distante. Uma noite lhe pediram para ajudar a enterrar seis crianças recém-falecidas. [...] Ninguém sabia quem eram, de onde tinham vindo, a que famílias pertenciam. Estavam despidas, as roupas tinham sido roubadas mal as crianças perderam força para se defenderem. (COUTO, 2020, p. 82).

A história não podia ser mais macabra:

Tuahir ajudou a arrastar os corpos para um buraco. Enquanto puxava pelas pernas frias se admirava daquele peso tão diminuto. Olhava os braços ondeantes como ramos ossudos, esqueletudos, quando reparou com espanto: os dedos de uma das crianças se cravavam no chão. Não havia dúvida, aqueles dedos se agarravam à vida, lutando contra o abismo. Aquela criança ainda respirava. Era a mais clara e a mais raquítica de todas. / – *Parem, aquele miúdo ainda está vivo! [...] Deixem esse: é meu sobrinho...* / – *E você cuida dele?* / – *Sim, eu lhe trato.* E foi assim. (COUTO, 2020, p. 82-83).

Até que recuperasse, Muidinga passou dias a gemer, apenas alimentado à água e a vomitar. Só depois se torna, gradualmente, capaz de articular as primeiras palavras. É então que Tuahir lhe explica:

– *Esta doença se chama mantakassa. Você comeu mandioca azeda, dessas amargas que fermentam venenos, dessas que chamamos maquela.* / – *Ah, a mandioca... eu sei.* [...] / – *Se sabias da*

mandioca por que comeste então, miúdo? O velho perguntou mas já sabia a resposta. A fome apertava de mais. Morrer por morrer mais valia ver o amanhã do sol. Muidinga nada respondeu. Apenas pediu que Tuahir chegasse pertinho. Suas forças se estavam a perder. (COUTO, 2020, p. 83-84).

Muidinga estava, portanto, à beira da morte. Tão magro que desprovido de sombra, como Tuahir fizera questão de sublinhar, chamando, para isso, a sua atenção:

– *Não vês que perdeste a tua sombra?* / Era verdade. Por mais que se inclinasse, o moço não produzia nenhuma sombra. Seu corpo parecia mergulhado num eterno meio-dia. Estremecia com o presságio. E o velho pensava: “este já não tem melhora”. Mas ainda assim, insistiu. Nessa altura, o miúdo ainda segurava algumas palavras [... Mas agora] A boca desaguava as últimas palavras, dali a pouco ele já não seria capaz de pronunciar nenhum pensamento. (COUTO, 2020, p. 83-85).

Contudo, depois, desse desfalecimento – com Tuahir a ordenar-lhe que dobrasse as pernas, “depressa. Não podes morrer de pernas esticadas”⁴ (COUTO, 2020, p. 85) – “se passou o inverso do esperado” (COUTO, 2020, p. 85), pois:

No dia seguinte, já Muidinga despertava, fortalecido. Era uma criança a nascer, quase em estado de saúde. O velho se contenta: seus filhos já quase não deixavam memória. Sentia saudades de ser pai, era como se voltasse a ser jovem. / – *Te vais chamar Muidinga*, decidiu. / Era o nome que tinha sido dado a seu filho mais velho, ido e esvaído nas minas do Rand. (COUTO, 2020, p. 85).

Muidinga era, portanto, um *sobrevivente*. Literalmente. Compreender-se-ia, então, a sua referência às “nossas *outras, restantes vidas*” (COUTO, 2020, p. 106; sublinhado nosso). O que permaneceria por explicar seria, antes, a *adestinação* dos seus sonhos-cartas. Porque, mesmo dentro de si, se a sua sobrevivência se traduzia por uma dissociação entre o que era e o que já fora – o que a amnésia, em que mergulhara, mais não faria do que atestar, como veremos mais adiante – haveria, então, entre o *antes* e o *agora* de si, uma alteridade que a presença do seu nome de rebatismo – Muidinga, nome tomado de empréstimo do filho mais velho de Tuahir – mais não faz que sublinhar. A *quem* se dirigiriam as

⁴ Diz H. A. Junod (1912, p. 134): “When the breathing [of the dying man] becomes shorter, those who watch over him begin to *bend his limbs* (ku khond piro (Ro.); ku putja (Dj.). This is a very old custom and it is deemed so important that the operation begins before death, lest the rigidity of the body should prevent it from being accomplished. When the bending of the limbs had been delayed for too long, it has sometimes been necessary to break them. To avoid this uncomfortable eventuality, one may see those attending to the dying man taking his hands gently and bringing them near to his chin, and folding his legs against his body. When asked why they do so, they will say: ‘It is the law. This is the way of caring for the dead (bekisa)’ Or: ‘It is in order to have smaller graves do dig...’ [...] The intention of this rite [instead of being, in Junod’s view, one of leaving the dead man in the position of the foetus in the womb, due to the belief that death was but a new birth] is more probably to put a dying man in the sitting position which a Thonga generally adopts when in his hut, as the grave is *but a hut in the earth* and he is meant to continue his life in it exactly as before”.

cartas-sonhos? E de quem proviriam? Não será esse o traço definidor de toda a *escrita*? Eis o que nos diz Jacques Derrida, em “Envois”, no seu *La carte postale*:

Au commencement, en principe, était la poste, et je ne m'en consolerai jamais. [...] Au commencement la poste, [...] et ça commence par une destination sans adresse, la direction n'est pas situable au bout du compte. Il n'y a pas de destination [...] tu comprends, à l'intérieur de chaque signe déjà, ou de chaque marque ou de chaque trait, il y a éloignement, la poste, ce qu'il faut pour que ce soit lisible par un autre, par une autre que toi et moi, et tout est foutu d'avance, cartes sur table. (DERRIDA, 1980, p. 34; *itálicos nossos*).

Como em “Signature événement contexte”, toda a escrita tem, como sua condição necessária, a *adestinação*. Porquê? Porque o seu critério subsistente é o de uma *legibilidade* que, não apenas deve exceder toda a intenção significativa, localizada no presente da sua emissão, como também se há de estender para lá daquela – talvez outra – intencionalidade que corresponderia, desta vez, à sua própria inscrição no horizonte do destinatário. Ora, esta *ausência* do destinatário, respeitante ao momento de escrita, não é simplesmente provisória ou acidental: é, antes, estrutural. É que, transcendendo mesmo a presença de ambos os interlocutores, a escrita deve permanecer legível para além deles. Deve ela, portanto, abrir-se aos deslocamentos do código entretanto sobrevivendo, num tempo e num espaço que, incomensuráveis, respeitariam à sua iterabilidade. O que significa que, à insaturabilidade de qualquer contexto de inscrição, de emissão ou de receção, viria, pois, a acrescentar-se o incalculável de um certo devir do código: a perder de vista...

Ora, ao valor de *ausência* do destinador e/ou destinatário, seria necessário juntar – com a subsistência de uma marca que de si mesma se divide, no processo da sua iterabilidade... – o critério de uma *distância* ou de um desencontro que, então, se insinua, *mesmo na comunicação verbal em presença*⁵. Em que sentido? No de que um *afastamento* trabalha já, do seu próprio interior, o signo, na sua “destinerrância” *postal*:

Il faut, si vous voulez, que ma ‘communication écrite’ reste lisible malgré la disparition absolue de tout destinataire déterminé en général pour qu’elle ait sa fonction d’écriture, c’est-à-dire sa lisibilité. [...] Ce qui vaut pour le destinataire vaut aussi, pour les mêmes raisons

⁵ Note-se que Jacques Derrida, na obra *De la grammatologie*, na abertura “Ce dangereux supplément...” nos lembra que, em Rousseau, “ce motif [de l’éloge de la parole vive] compose et s’organise avec son contraire: *une méfiance sans cesse ranimée à l’égard de la parole dite pleine. Dans l’allocution, la présence est à la fois promise et refusée*. La parole que Rousseau a élevée au-dessus de l’écriture, c’est la parole telle qu’elle devrait être ou plutôt aurait dû être” (DERRIDA, 1967a, p. 197; *itálico nosso*). E em seu “Télépathie”, em *Psyché – Invention de l’autre*: “Tu connais ma question: pourquoi les théoriciens du performatif ou de la pragmatique s’intéressent-ils si peu, à ma connaissance, aux effets de la chose écrite, notamment à la lettre? Que craignent-ils? S’il y a du performatif dans une lettre, comment cela peut-il produire toute sorte d’événements, prévisibles et imprévisibles, et jusqu’à son destinataire? [...] il faudrait encore diviser, démultiplier les instances: *tout n’est pas destinataire dans un destinataire, une part seulement qui compose avec le reste*. Toi par exemple, tu m’aimes, cet amour est plus grand que toi et surtout, plus grand que moi, et pourtant, ce n’est qu’une petite partie que l’on nomme ainsi de ce mot, amour, mon amour. Cela ne t’empêche de me quitter, jour après jour, et de livrer à ces petits calculs, etc.” (DERRIDA, 1987, p. 241; *itálico nosso*).

de l'émetteur ou du producteur. [...] *Cette possibilité structurelle d'être sévrée du référent ou du signifié (donc de la communication et de son contexte) me paraît faire de toute marque, fût-elle orale, un graphème en général, [...]. Et j'étendrai même cette loi à toute "expérience" en général [...].* (DERRIDA, 1990, p. 27-28; 32; *itálico nosso*).

Ter-se-á notado que se tratava antes, aqui, nesta possibilidade de, à palavra, a separar do seu contexto, assim como do seu significado e da sua referência. Quer dizer: de uma lei que diz respeito à diferencialidade de *toda a marca*, na sua sempre divisível identidade a si: *mesmo a da voz, a da palavra falada, a da oralidade*.

Trauma e dissociação: a dissensão

Pensemos, agora, na amnésia de Muidinga. Não seria, ainda, preciso perguntar: o que se pensa, hoje, dos processos traumáticos, bem como da “clivagem psíquica” ou da *dissociação*, que eles tendem a deixar atrás de si? O que teria podido acontecer com Muidinga, para além da descrição que nos é dada por Tuahir – que foi quem, no romance, o resgatou de uma trágica morte anunciada? Em *Pierre Janet: trauma et dissociation: un nouveau contexte pour la psychothérapie, la psychanalyse et la psychotraumatologie* – de publicação recente (CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021) e de autoria múltipla, faz-se uma breve história do afastamento entre Freud, por um lado, e Pierre Janet e Sándor Ferenczi, por outro. Com efeito, estes dois últimos são, hoje, tidos como duas das mais importantes figuras percursoras, na psicotraumatologia. Ora, no capítulo “De Janet à Bromberg, via Ferenczi: dans les espaces de la littérature sur la dissociation”, pode ler-se, a propósito dessa dissensão:

Freud, Janet et Ferenczi ont chacun des façons de considérer la théorie du traumatisme, le refoulement et la dissociation, qui se complètent mutuellement que nous n'avons commencé à intégrer que récemment. Ce qui reste à clarifier c'est pourquoi, si la dissociation elle-même avait été décrite comme une racine psychopathologique dans les *Études sur l'hystérie* (BREUER; FREUD, 1895), Freud a décidé de laisser de côté cette découverte et de proposer le refoulement comme la cause de la maladie mentale. (CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 99-100).

Qual seria a diferença, então, posta em jogo pelo *recalcamento*? É que este é, para Freud, um *ato intencional*. Com efeito, nos *Estudos sobre a Histeria*, Freud diz-nos – quando, na análise do caso de Lucy R., ele se indaga acerca das razões da sua *conversão*⁶:

⁶ Para o conceito de *conversão* Cf. Laplanche e Pontalis (2007, p. 104): **Conversion** = D.: Konversion. – En.: conversion. – Es.: conversión. – I.: conversione. – P.: conversão. – *Mécanisme de formation de symptômes qui est à l'oeuvre dans l'hystérie et plus spécifiquement dans l'hystérie de conversion* (voir ce terme). Il consiste en une transposition d'un conflit psychique et une tentative de résolution de celui-ci dans des symptômes somatiques, moteurs (paralysies par exemple) ou sensitifs (anesthésies ou douleurs localisées para exemple). Le terme conversion est corrélatif pour Freud d'une conception économique: la libido détachée de la représentation refoulée est transformée en énergie d'innervation. Mais ce qui spécifie les symptômes de conversion, c'est leur signification symbolique: ils expriment, par le corps, des représentations refoulées.

Ora, pela análise de casos semelhantes, eu já sabia que, para a aquisição de uma histeria, uma condição psíquica é indispensável, a saber, que uma ideia seja intencionalmente afastada da consciência e excluída da elaboração associativa. *Nessa repressão intencional vejo também o motivo para a conversão da soma de excitação, seja ela total ou parcial.* [...] O motivo da própria repressão só poderia ser uma sensação de desprazer, a incompatibilidade da ideia a ser reprimida com a massa de ideias dominante do eu. Mas *a ideia reprimida vinga-se, tornando-se patogénica.* (FREUD, 2016, p. 89; itálicos nossos).

Produto de uma reação defensiva, a repressão dessa ideia – ou o seu recalçamento – assume-se, aqui, como um ato *intencional*. O que pressupõe, sobre o fundo de (in)decisão que lhe é inerente, a necessidade de uma escolha. De resto, essa ideia de intencionalidade aparece, mais adiante, reforçada:

O momento verdadeiramente traumático é, portanto, aquele em que a contradição se impõe ao Eu *e este decide expulsar a ideia contrária*. Tal expulsão não a aniquila, apenas a impele para o inconsciente. Quando esse processo ocorre pela primeira vez, estabelece-se um centro de cristalização para a formação de um grupo psíquico separado do Eu, um núcleo em torno do qual se reúne, em seguida, tudo o que teria pressuposto a aceitação da ideia incompatível. (FREUD, 2016, p. 94; itálico nosso).

E Freud remata, então, com a seguinte observação: “Desse modo, *a cisão da consciência*, nestes casos de histeria adquirida, *é desejada, intencional, muitas vezes introduzida por um ato voluntário*, pelo menos” (FREUD, 2016, p. 94; itálico nosso). Ora, é aqui que se instala a primeira – e decisiva – diferença entre Freud e os outros dois autores mencionados: o francês Pierre Janet e o húngaro Sándor Ferenczi. Ela prende-se com a ideia que aqui começamos por ver expressa por Freud: a de “cisão da consciência” (FREUD, 2016, p. 94). Embora inicialmente partilhada com Ferenczi e Janet, *Freud deixa, doravante, de lhe fazer menção...* Observação dos autores desta secção do livro: “historicamente, o caminho da clivagem, ou melhor, da dissociação ou da fragmentação, teria sido a reação patológica descrita por Janet como uma resposta ao choque traumático ou por Ferenczi quando fala da fragmentação da personalidade” (CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 104). Ora, dizem-nos Lingiardi e McWilliams, na sua contribuição para o *Manuel de diagnostique psychodynamique (Psychodynamic Diagnostic Manual, PDM-2)* que, no campo da psicotraumatologia, “os psicanalistas contemporâneos”:

[sont, en effet] revenus aux enseignements de Janet et de Ferenczi en ce qui concerne la prévalence de détresses d’origine traumatique, d’impacts développementaux et de troubles psychopathologiques, dans une grande variété de populations traumatisées: les anciens combattants, mais aussi *les survivants des camps de concentration et leur descendance*, [...] (LINGIARDI; McWILLIAMS, 2017, p. 182, *apud* CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 100; itálico nosso).

A que regressavam, então, os psicanalistas contemporâneos, mais concretamente? Uma das descrições extraídas do *Journal clinique*, de Sándor Ferenczi, poderia dar-nos um primeiro quadro possível, para a compreensão do que os terá motivado:

Un enfant est frappé par une agression imparable, conséquence: il “rend son âme”, avec la conviction totale que cet abandon de soi-même (évanouissement) signifie la mort. Mais justement, la relaxation totale qui s’établit par l’abandon de soi peut créer des conditions plus favorables pour pouvoir supporter la violence. (*apud* CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 104).

Quais seriam, então, as consequências disso? As razões da sobrevivência de Muidinga poderiam, assim, estar paradoxalmente ligadas – longe dos pressupostos de Freud – a essa desistência, a esse mesmo *abandono*. E as sequelas não tardariam:

[...] même l’unité avec la personnalité pré-traumatique est ainsi rétablie avec succès, accompagnée, il est vrai, la plupart du temps, de perte de mémoire et d’amnésie retroactive, de durée variable. Mais justement, ce fragment amnésié est en fait une partie de la personne qui est encore “morte”, ou qui se trouve continuellement dans l’agonie de l’angoisse. Tâche de l’analyse: lever cette angoisse. (*apud* CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 104).

Primeira observação de Giuseppe Craparo, Clara Mucci e Vittorio Lingiard: “a extraordinária precisão desta descrição da reação traumática, que pode produzir uma síncope do corpo, foi confirmada pelas descobertas neurofisiológicas, por exemplo com a reação vasovagal que conduz à sensação de vertigem” (CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 104). Essa reação ao traumatismo pode, ainda, induzir estados de *confusão* e de *inconsciência* alinhando-se, assim, com a ideia de um concomitante *estreitamento* ou “retração do campo da consciência” (CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 104), descrita por Pierre Janet. Conclusão: “É mais do que uma defesa, e não é decerto de uma defesa intencional, nem mesmo parcialmente intencional [aquilo de que se trata]: a neurofisiologia do traumatismo descreve [hoje] uma perda [de capacidade] integrativa dos recursos mentais e psíquicos” (CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 104) já anteriormente formulada por Janet. É o que acontece “em resposta à esmagadora experiência exterior, mais do que a entrada em funcionamento de uma defesa intrapsíquica” (CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 104). Assim, a “experiência devastadora do trauma deixa uma marca permanente e provoca uma clivagem da personalidade” (CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 105). De novo Ferenczi:

À partir du moment où, instruit par d’amères expériences, on a perdu confiance en la bienveillance du monde extérieur, un clivage durable de la personnalité se produit [...]. D’où le clivage du monde, qui, auparavant, donnait une impression d’homogénéité, en système psychique subjectif et objectif, chacun ayant son propre mode de remémoration dont, en fait, seule le système objectif est complètement conscient. [...] Ce n’est que dans le sommeil que nous parvenons, grâce à certains dispositifs extérieurs [...] à retirer cette sentinelle. (FERENCZI, 1932, p. 153-154, *apud* CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 105; 113).

A referência ao sono é, aqui, importante. A vigilância imposta por essa redistribuição de relações – que é o que vem perturbar a anterior homogeneidade do mundo e, na relação com este, a constituir uma instável cisão interior-exterior – só é interrompida durante o sono. O que nos lembra do que dirá Freud, sobre o desinvestimento das relações com o exterior, como condição do (sonho durante o) sono. Conclusão de Allan Schore:

Il faut réévaluer les idées de Freud sur le traumatisme (VAN DER KOLK, WEISAEH & VAN DER HART, 1996) et [...] reincorporer le concept de dissociation dans la psychanalyse théorique et clinique. Il est maintenant clair que la dissociation représente la défense la plus primitive contre les états émotionnels traumatiques et qu'elle doit être abordée dans le traitement des psychopathologies graves (SCHORE, 2003, p. 246, *apud* CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 106).

A escrita psíquica: uma *escrita avant la lettre*

Como seria, hoje, pensado o caso de Muidinga? A melhor ilustração que o livro nos oferece encontra-se na subsecção “Trauma et dissociation dans l'approche relationnelle contemporaine: l'apport de Philip Bromberg”. Ela provém deste último autor – ele mesmo psicanalista – cujas posições nos parecem próximas das de Mia Couto. Num livro de 2006, intitulado *Awakening the Dreamer: Clinical Journeys* ele diz-nos, a dada altura:

Les états du moi, c'est ce dont l'esprit est fait. La dissociation, c'est ce que fait l'esprit. La relation entre les états du moi et la dissociation, voilà ce qu'est l'esprit. Une relation souple entre les états du moi à travers l'utilisation de la dissociation normale – poursuit Bromberg – voilà ce qui permet à un être humain de faire face aux exigences tou-jours changeantes de la vie, avec créativité et spontanéité (BROMBERG, 2006, p. 2, *apud* CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 116).

Para Philip M. Bromberg, o sujeito seria já, de si próprio, múltiplo: regido por uma forma de dissociação entre estados do eu a que ele chamaria normal. Essa dissociação destinar-se-ia a enfrentar as diversas exigências que, resultantes das alterações das situações próprias da nossa vida, se vão mudando. Flutuaríamos, assim, entre diferentes estados do eu dissociados, colocados numa relação que seria, então, marcada por sua natureza mediadora, adaptável, fluída ou flexível. A *dissociação* deixaria, no entanto, de constituir-se nesse entremeio de transição em que funcionava quer como *dispositivo separador quer, ao mesmo tempo, como elo de relação* quando, ameaçados pela dissolução, em nós:

La dissociation *pathologique* est activée pour protéger le sujet contre la dissolution traumatique, lorsque l'illusion de la continuité devient trop dangereuse à maintenir en raison d'affects et de perceptions incompatibles, qui ne peuvent être compris de façon symbolique par le sujet, et de discordances intolérables entre les expériences. (CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 116).

A realidade poderia, portanto, impor-nos, assim, uma situação-limite, na qual a posição em que somos, então, colocados, se revelasse incompatível com o ethos das transições em que se religam os nossos *estados do eu*. Ora:

En conformité avec les études sur les souvenirs traumatiques, Bromberg postule que les traumatismes relationnels précoces créeraient une amnésie rétroactive, dans laquelle les

souvenirs somatiques, dépourvus de forme symbolique, ne sont pas représentables sous une forme consciente-explicite. Bromberg les appelle l’“ombre du tsunami”. (CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 116).

Com Muidinga, não estaríamos nós diante de um caso de traumatismo precoce? Como não dispomos de balizas temporais explícitas – nem no romance, nem aqui – parece-nos útil acrescentar o que observam Lingiardi e Craparo, logo a seguir:

Dans la théorie clinique de Bromberg, les expériences dissociées ne peuvent pas être communiquées verbalement, mais on peut les observer dans des patterns comportementaux dans le cadre de relations inpersonnelles, y compris en thérapie. Le clinicien doit porter une attention particulière aux états du moi dissocié qui émergent; ils peuvent prendre la forme de ce qu’on appelle un *enactment*⁷. (CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 116).

O que não é verbalizável é, assim, repetido na relação comportamental interpessoal. (Re-)Agido de forma a poder tornar-se pensável, tematizável, verbalizável na relação terapêutica. Trazido, em suma, do seu inconsciente (não-recalcado) para que – oferecido à palavra, nessa relação diádica entre paciente e terapeuta – seja reenquadrado por uma outra narrativa: simbolizado, reavaliado, *reintegrado* no seio da multiplicidade dos estados do eu, no que de nós resta⁸. Como diria Mia Couto, em “O Planeta das Peúgas Rotas”:

A verdade é que nós somos sempre não uma mas várias pessoas e deveria ser norma que a nossa assinatura acabasse por não conferir. Todos nós convivemos com diversos eus, diversas pessoas reclamando a nossa identidade. O segredo é permitir que as escolhas que a vida nos impõe não nos obriguem a matar a nossa diversidade interior. O melhor nesta vida é poder escolher, mas o mais triste é ter mesmo de escolher. (COUTO, 2009, p. 84).

O sujeito amnésico é um sujeito – acabámos de vê-lo – patologicamente *dissociado*. Uma parte de si permanece alheia à verbalização. A amnésia é uma forma de ausência. Uma confirmação disso parece-nos estar no sonho em que, enredadas as vozes umas nas outras, Muidinga não chega a poder ouvir o nome pelo qual o chamam. Freud não deixará, de resto, de notar que uma das características dos sonhos é o que ele designa por *regressão*. Ela é, para além de tópica, também formal e temporal. O que acontece, do ponto de vista formal – que é, a par do temporal – o que aqui nos interessa sublinhar?

Résumons ce que nous avons appris sur cette faculté spécifique qu’a le rêve de reverser son contenu de représentations dans des images sensorielles. Nous n’avons pas expliqué ce

⁷ Segundo definição do próprio Philip Bromberg, em *The Shadow of the Tsunami and the Growth of the Relational Mind*. New York: Routledge, 2011, p. 151: “Un enactment est un événement dyadique dans lequel le thérapeute et le patient sont liés par un mode relationnel dissocié où chacun est dans un état non-moi.” (*apud* CRAPARO; MUCCI; LINGIARDI, 2021, p. 116).

⁸ Um caso notório desta multiplicidade é, no romance, a figura de Virgínia, esposa do ex-colono português Romão Pinto...

caractère du travail onirique [... par de] lois connues de la psychologie, mais [...] nous l'avons distingué en lui donnant le nome de caractère "*régrédient*". (FREUD, 2010b, p. 590-591).

A explicação vem a seguir – agora de forma integrada. Por um lado:

Nous distinguons dès lors un triple mode de régression: a) un mode *topique* au sens du schéma des systèmes Ψ développé ici. b) un mode *temporel* dans la mesure où il s'agit d'un recours rétrospectif à des formations psychiques plus anciennes, etc) une régression *formelle* quand des modes primitifs d'expression et de figuration remplacent les modes habituels. (FREUD, 2010b, p. 591).

Os sistemas Ψ (o inconsciente, mas também o pré-consciente) correspondem aos lugares em que, no aparelho psíquico, se retêm e, de tempos a tempos, se reorganizam os traços mnésicos⁹ que, na relação do sujeito com o mundo exterior, começaram por ser *percepções*. O mais antigo desses sistemas seria, assim, o *inconsciente*. Ora "os modos *primitivos* de expressão e figuração" (FREUD, 2010b, p. 591; *itálico* nosso) passariam assim pela *imagem* (e, portanto, pelo inconsciente), isto é, por representações de coisa dissociadas de representações de palavra, antes de virem, um dia, a poder passar pela representação verbal (no pré-consciente), através da qual "os modos habituais" (FREUD, 2010, p. 591) de expressão têm lugar, na vida quotidiana adulta. Daí que:

[...] ces trois sortes de régression n'en sont au fond qu'une seule et dans la plupart des cas elles coïncident, car ce qui est le plus ancien sur le plan temporel est en même temps ce qui sur le plan formelle est primitif et, dans la topique psychique, plus proche de l'extrémité perceptive du schéma [de l'appareil psychique tel qui le décrit par Freud, dans ce chapitre là: cette localisation suppose qu'on est à l'extrémité opposée au pré-conscient, qui vient, celui-ci, immédiatement avant l'activité motrice du sujet]. (FREUD, 2010b, p. 592).

E como notará Jacques Derrida (1967b, p. 312), no seu "Freud et la scène de l'écriture", de *L'écriture et la différence*:

A considérer d'abord l'expression verbale, tel qu'elle est circonscrite dans le rêve, on remarque que sa sonorité, le corps de l'expression, ne s'efface pas devant le signifié ou du moins ne se laisse pas traverser ou transgresser comme il le fait dans le discours conscient. [...] Or, un corps verbal ne se laisse pas traduire ou transporter dans une autre langue. Il est cela même que la traduction laisse tomber. Laisser tomber le corps, telle est même l'énergie essentielle de la traduction. Quand elle reinstitue un corps, elle est poésie.

⁹ Cf. Freud (2019, p. 21-23): "Il y a donc des neurones perméables (qui n'exercent aucune résistance et qui ne retiennent rien) qui servent à la perception, et des neurones imperméables (ayant une résistance et retenant de la Φ) qui sont le support de la mémoire, donc probablement des processus psychiques en général. Je nommerai donc, à partir de maintenant, le premier système de neurones ϕ , le second Ψ . [...] On peut dire alors: **la mémoire est représentée par les frayages existant entre les neurones Ψ** . [...] **La mémoire serait représentée par les différences de frayage entre les neurones Ψ** ".

Ora, se o significante é, no sonho, irredutível; se, por outro lado, o *sonho* é marcado por uma *regressão formal* que implica a substituição dos modos habituais de representação por modos figurados e se, portanto, ele é desligado, quer da relação percetiva imediata, quer da atividade motora; se ele é, em suma, fundamentalmente constituído por *imagens* – e, no caso dos significantes verbais, se eles se assumem, ali, tão irredutíveis quanto elas – em que sentido Muidinga, aos sonhos de Kindzu – tal como aos seus – lhes chamaria *cartas*? Por que razão o faria, a propósito de um sonho em que, aliás, nada haveria, nem de visivelmente escrito, nem de distintamente audível por qualquer escuta, mesmo a mais apurada? Como é que essas cartas seriam afinal *escritas* se, tal como são, os sonhos se constituem, a um certo limite, de significantes irredutíveis diante dos seus significados e se fazem, fundamentalmente, de *imagens*? Vejamos, uma vez mais, Jacques Derrida:

‘Les rêves suivent en générale des frayages anciens’, disait *l’Esquisse*¹⁰. Il faudra donc interpréter désormais la régression topique, temporelle et formelle du rêve comme chemin de retour dans un paysage d’écriture. Non pas d’écriture simplement transcritive, écho pierreux d’une verbalité assourdie, mais lithographie d’avant les mots: metaphonétique, non-linguistique, a-logique. (DERRIDA, 1967b, p. 307).

O que poderia, então, ser uma *escrita metafonética, não-linguística e a-lógica*? O que seria, em suma, uma escrita não-simplesmente transcritiva – como seria o caso do conceito metafísico de escrita, um eco pedregoso da fala: um eco do que se lhe presumiria, para sempre, anterior e exterior, um caminho de pedras como um eco, a marcar um trajeto já efetuado? Não, por certo, uma escrita meramente ecoante de uma fala – ela mesma, por outro lado, ensurdecida ou imune à película gráfica que a transcreve e à qual se agarraria: uma escrita, em resumo, como eco pedregoso da fala, sobre o qual a poderíamos tornar a calcorrear, pedra a pedra, como quem segue por um caminho já marcado, nos seus pontos de apoio, por um percurso anterior... O que poderia, pois, ser uma *litografia anterior às palavras*? Além disso, porque estaríamos nós, doravante, numa *paisagem de escrita*?

Considerações finais

De que se trata, quando se fala de “frayage”¹¹? A conceção neurológica do aparelho psíquico, descrita no *Esquisse*, nem sempre permite uma compreensão imediatamente clara do que estará em

¹⁰ Na secção “L’analyse du rêve”, do supracitado livro *Esquisse d’une psychologie*: “Ce qui est remarquable, c’est la mauvaise mémoire qui l’on en a et le peu de dégâts que les rêves causent, par rapport aux autres processus primaires. Mais ceci s’explique facilement par le fait que *les rêves prennent le plus souvent la voie des anciens frayages*, donc ne provoquent pas de modifications, et par le fait que les expériences φ [de la perception] en sont mises à l’écart et que en raison de la paralysie motrice ils ne laissent pas de traces de décharge”. (FREUD, 2019, p. 103; itálico nosso).

¹¹ Cf. aqui a definição que o *Vocabulaire de la psychanalyse*, de Jean Laplanche e J.-B. Pontalis, nos dá de *frayage*: “D.: *Bahnung*. – En.: *facilitation*. – Es.: *facilitación*. – I.: *facilitazione*. – P.: *facilitação*. Terme utilisé par Freud lorsqu’il nous donne un modèle neurologique du fonctionnement de l’appareil psychique (1895): l’excitation, dans son passage d’un neurone à l’autre, doit vaincre une certaine résistance; lorsqu’un tel passage entraîne une diminution permanente de cette résistance, on dira qu’il y a *frayage*: *l’excitation choisira la voie frayée de préférence* à celle qui ne l’est pas.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2007, p. 172; itálico nosso).

causa, na conceção freudiana¹². Aquilo de que, aqui, se trata é da abertura de uma via preferencial à passagem de uma excitação, no nosso sistema neuronal. Marcos Bulcão Nascimento ajuda-nos, em *A Constituição da Realidade Segundo a Psicanálise*, a compreender melhor aquilo de que se trata. Fá-lo por meio de um exemplo:

O organismo prematuro sofre uma *sensação corporal* de dor, de tensão (SC1); ele grita (numa vã tentativa de se livrar da quantidade Q [símbolo para a quantidade de energia]); uma outra pessoa, (o próximo, o *Nebenmensch*) vem em seu socorro, e realiza para ele a ação específica, dando lugar em seguida à sensação corporal de satisfação (SC2). [...] Esta sequência é propriamente o primeiro objeto de registro mnemónico para o ser humano [...]. (NASCIMENTO, 2017, p. 46).

E esse registo mnésico virá a traduzir-se na abertura de uma via de acesso preferencial à satisfação, cujo acontecimento é registado. O que se passa então? A relação de mera associação, ou de simultaneidade temporal, deu ali lugar a um nexo de causalidade. Grito e satisfação vêm a pressupor, uma vez repetidos, um outro elemento – uma “mutação significativa”: a do grito em apelo – responsável pela sua entrada no simbólico:

É então no que se segue que tudo o que é especificamente humano vai fundar-se. Por ocasião das ajudas subsequentes do *Nebenmensch* (do Outro), o que era uma pura secreção do organismo – o grito [...] vai experimentar uma “mutação significativa” e tornar-se *apelo*, isto é, vai adquirir uma função secundária de comunicação, uma função *significante*. A resposta do Outro vai assim tornar possível a assunção, por parte da criança, de um primeiro *significante*, para se fazer representar junto a outros *significantes*. (NASCIMENTO, 2017, p. 47).

O sulco aberto pela mutação do grito em *apelo*, o trânsito da concomitância à causalidade supõe, assim, a passagem de uma excitação que, entre o grito e a sua correspondente satisfação, se marca nos neurónios Ψ , responsáveis pela memória, como alteração a que, embora permanente, se virão justapor outras. Essa mutação diz respeito à abertura de uma via preferencial [*Bahnung*], concebida para uma satisfação até então desconhecida. O traço deixado pela relação entre ambos ficará como uma alteração permanente, aqui ocorrida num inconsciente em formação, ainda anterior a qualquer tópica, mas numa memória que virá a estender-se, mais tarde, mediante a aquisição da linguagem, ao pré-consciente. Lacan dirá, em *Le Séminaire: livre VII: – L'éthique de la psychanalyse*:

Il m'en vient là, au hazard, un exemple qui me tombe sous les yeux [de la nécessité de rectifier tout ce que la traduction anglaise apporte de distorsion à certaines des intuitions

¹² Cf. Freud (2019, p. 25-26): “La question de savoir en quoi consiste le frayage reste par ailleurs en suspens. On pourrait penser tout d’abord: dans l’absorption de Q η par les barrières de contact. Peut-être la lumière se fera-t-elle ultérieurement là-dessus [Comparer p. 409 et suiv]”, onde se explica (p. 55) que supondo, a *Bahnung*, o aumento da permeabilidade dos neurónios Ψ , “une certaine résistance de toutes les barrières de contact demeure [en eux]”, etc.

originelles de l'*Entwurf*]. *Bahnung* est traduit en anglais par *facilitation*. Il est bien évident que le mot a une portée strictement opposée. *Bahnung* évoque la constitution d'une voie de continuité, une chaîne, et je pense même que cela peut être rapproché de la chaîne signifiante pour autant que Freud dit que l'évolution de l'appareil Ψ remplace la quantité simple par la quantité plus la *Bahnung*, c'est-à-dire son articulation. (LACAN, 1986, p. 49-50).

Ora, se Lacan insiste, aqui, na retificação do termo *facilitação* pela noção de *articulação*, no que toca à tradução de *Bahnung*, é justamente porque a via aberta não é, apenas, um rasto deixado por uma quantidade de energia simples, mas antes a marca de uma *preferência* que virá a supor já uma relação diferencial¹³. A cadeia significante estabelece-se, assim, antes mesmo de haver palavras: “que o inconsciente seja estruturado em função do simbólico [...] é a importância disso que é preciso medir, no pensamento freudiano” (LACAN, 1981a, p. 22-23). Pois: “o inconsciente é, no seu fundo, estruturado, entretelado, encadeado, tecido de linguagem. E não apenas o significante tem aí um papel tão importante como o significado, como assume o papel principal. O que caracteriza a linguagem é o sistema significante como tal” (LACAN, 1981b, p. 135). Entra-se, pois, no *simbólico* por essa via, antes da instalação do *Nom-du-Père*, que virá estabelecer a sua lei de conjunto, a partir da resolução do complexo de Édipo. Além disso, a forma pela qual nele se entra supõe já uma outra temporalidade: descontínua, não linear nem simplesmente progressiva – a do *nachträglichkeit*: a do retardamento ou a da retroação *suplementar*. Diz Jacques Derrida, em “Freud et la scène de l'écriture”:

Tout commence par la reproduction. Toujours déjà, c'est-à-dire dépôts d'un sens qui n'a jamais été présent, dont le présent signifié est toujours reconstitué à retardement, *nachträglich*, après coup, supplémentairement: *nachträglich* veut dire aussi *supplémentaire*. L'appel du supplément est ici originaire et creuse ce qu'on reconstitue à retardement comme le présent. Le supplément, ce qui semble s'ajouter, comme un plein à un plein, est aussi ce qui supplée: “Suppléer: ajouter ce qui manque, fournir ce qu'il faut de surplus”, dit Littré, respectant comme un somnambule l'étrange logique de ce mot. (DERRIDA, 1967b, p. 314).

Para depois acrescentar: “é nela [nessa lógica sonâmbula do suplemento] que é preciso pensar a possibilidade do *a posteriori* [l'après-coup] e sem dúvida também a relação entre o primário e o secundário a todos os níveis.” (DERRIDA, 1967b, p. 314). Porque o *grito* não se torna *apelo*, nisso se

¹³ Cf. Freud (2019, p. 23): “Car la mémoire est bien évidemment, par rapport à l'écoulement de l'excitation, une des puissances déterminantes qui indiquent la voie à suivre, et dans le cas d'un frayinge partout identique, on ne verrait pas comment il y aurait choix entre différentes voies. D'où l'on peut dire d'une manière encore plus exacte: **la mémoire serait représentée par les différences de frayinge entre les neurones Ψ** . De quoi dépend le *frayinge* des neurones Ψ ? Selon l'expérience psych[ologique], la mémoire, à savoir, la force qui continue à travailler après un événement, dépend d'un facteur qu'on appelle 'l'intensité de l'impression', et de la fréquence de la répétition de cette même impression. Ce qui se traduit dans la théorie par: le frayinge dépend de la $Q\eta$ qui passe à travers le neurone au cours du processus d'excitation, ainsi que du nombre de répétitions du processus. Ainsi, la $Q\eta$ s'avère être le facteur qui travaille, la **quantité** et le **frayinge** apparaissent comme l'effet de la $Q\eta$, en même temps comme ce qui peut remplacer la $Q\eta$ ”. Ou ainda: “a impressão, em si mesma não constitui memória. São os seus traços que serão registrados e depois organizados numa rede. O traço é propriamente a diferença entre as *Bahnungen*”. (NASCIMENTO, 2007, p. 37-38).

convertendo em “significante”, senão a partir da intervenção *a posteriori* do *Nebenmensch*. De facto, como acrescenta ainda Derrida:

Notons-le: *Nachtrag* a aussi un sens précis dans l’ordre de la lettre: c’est l’appendice, le codicille, le post-scriptum. Le texte qu’on appelle présent, ne se déchiffre qu’en bas de page, dans la note ou le post-scriptum. Avant cette récurrence, le présent n’est qu’un appel de note. Que le présent en général ne soit pas originaire mais reconstitué, qu’il ne soit pas la forme absolue, [...], tel est le thème, formidable pour l’histoire de la métaphysique, que Freud nous appelle à penser à travers une conceptualité inégale à la chose même. (DERRIDA, 1967b, p. 31).

O que implica que não há significante anterior e exterior à repetição. Ora, no sentido de que anteriormente tratávamos, com Jacques Derrida, o inconsciente pressupõe já, dessa forma, uma escrita *metafonética*, *não-linguística*, *a-lógica*. De facto:

Ici s’introduit la coupure freudienne. [...] L’écriture psychique, par exemple celle du rêve qui “suit les frayages anciens”, simple moment dans la régression vers l’écriture “primaire” ne se laisse lire à partir d’aucun code. Sans doute travaille-t-elle avec une masse d’éléments codifiés au cours d’une histoire individuelle ou collective. Mais dans ses opérations, son lexique et sa syntaxe, un résidu purement idiomatique reste irréductible [...]. *Le reveur invente sa propre grammaire*. (DERRIDA, 1967b, p. 307; *italico nosso*).

Razão pela qual Freud recusara, aliás, na parte dedicada às questões de procedimento, os “métodos populares” (FREUD, 2010a, p. 137) quer simbólico, quer *de decifração* baseada numa chave preexistente de leitura. Perguntar-se-á, então, se não é precisamente do sonho como metáfora do literário aquilo que se trata, em Kindzu. Não suporão ambos – o sonho e a escrita literária – a subsistência desse resíduo idiomático irreduzível? A invenção de uma gramática singular, em suma, própria a cada sonhador-autor? Se “os cadernos de Kindzu não deveriam ter sido escritos por mão de carne e ossada, mas por sonhos iguais aos dele” (COUTO, 2020, p. 106), não seria isso porque se trata aí, afinal, de uma *escrita já anterior à escrita*? Como se leria em *De la grammatologie*: “a primeira parte deste ensaio, *A escrita avant la lettre* desenha a traços largos uma matriz teórica” (DERRIDA, 1967a, p. 7). Como assinalá-la, então? Eis um modo de o fazer:

Par une nécessité qui se laisse à peine percevoir, tout ce passe comme si, cessant de désigner une forme particulière, dérivée, auxiliaire (qu’on entend comme communication, relation, expression, signification, constitution du sens ou pensée, etc.) cessant de designer la pellicule extérieure, le double inconsistant d’un signifiant majeur, *le signifiant du signifiant*, le concept d’écriture commençait à déborder l’extension du langage. À tous les sens de ce mot, l’écriture *comprendrait* le langage. (DERRIDA, 1967a, p. 16).

Falando-nos de uma mutação sintomática dos tempos, Derrida introduz-nos já à sua orientação: dar conta de uma escrita pré-literal. A expressão *significante do signifiante*, inicialmente cingida à descrição da secundariedade decaída da escrita – *eco pedregoso* de uma fala anterior que lhe permaneceria

alheia – vem a revelar-se, hoje, na fórmula que, *compreendendo* a linguagem, a excede já, nos seus limites, estendendo-se a todo um vasto campo dos processos de inscrição não-humanos. O que ela nos diz é, agora, a ausência, em qualquer processo de significação, de qualquer espécie de simples presença, de qualquer forma de presença a si ou significado último, capaz de fechar o sistema. Aquilo para que nos chama a atenção é, pois, para a *dupla inscrição* da fórmula metafísica da escrita que nos reenvia, agora, também para uma significância que lhe permanece semiologicamente irreduzível: a de um *significante* que o é e será sempre *de outro significante*:

Non que le mot “écriture” cesse de désigner le signifiant du signifiant, mais il apparaît dans une étrange lumière que “signifiant du signifiant” cesse de définir le redoublement accidentel et la sécondarité déchu. “Signifiant du signifiant” décrit au contraire le mouvement du langage: dans son origine, certes, mais on pressent déjà qu’une origine dont la structure s’épelle ainsi – signifiant du signifiant – s’emporte et s’efface elle-même dans sa propre production. Le signifié y fonctionne toujours déjà comme un signifiant. (DERRIDA, 1967a, p. 16).

E se “não há significado que escape [...] ao jogo dos reenvios significantes que constitui a linguagem” (DERRIDA, 1967a, p. 17) é porque no primeiro se não pode iludir, em boa verdade, a economia do *suplemento*: “a imagem não pode re-presentar e acrescentar o representante ao representado senão na medida em que a presença esteja já dobrada sobre si no mundo, na medida em que a vida reenvia a si como à sua própria falta, à sua própria exigência de suplemento” (DERRIDA, 1967a, p. 252). Assim:

Si la suppléantarité est un procès nécessairement indéfini, l’écriture est le supplément par excellence puisqu’elle marque le point où le supplément se donne comme supplément de supplément, signe de signe, *tenant lieu* d’une parole déjà signifiante: elle déplace le *lieu propre* de la phrase, l’unique fois de la phrase prononcée *hic et nunc* par un sujet irremplaçable, et en retour énerve la voix. Elle marque le lieu du redoublement initial. (DERRIDA, 1967a, p. 381).

Referências

BENJAMIN, Walter. *O contador de histórias*. São Paulo: Editora Hedra, 2015.

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. Lisboa: Caminho, 2020.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?* e outras interinvenções. São Paulo: Cia. das Letras 2009.

CRAPARO, Giuseppe; MUCCI, Clara; LINGIARDI, Vittorio. De Janet à Bromberg, via Ferenczi. In: CRAPARO, Giuseppe; ORTU, Francesca; HART, Onno van der (org.). *Pierre Janet: Trauma et Dissociation: un nouveau contexte, pour la psychothérapie, la psychanalyse et la psychotraumatologie*. Traduction: François Mousnier-Lompré. 2021. p. 99-118.

DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Minuit, 1967a. p. 9-40.

DERRIDA, Jacques. Freud et la scène de l’écriture. In: DERRIDA, Jacques. *L’écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967b.

DERRIDA, Jacques. Envois. In: DERRIDA, Jacques. *La carte postale: de Socrate à Freud et au-delà*. Paris: Flammarion, 1980. p. 5-273.

DERRIDA, Jacques. Télépathie. In: DERRIDA, Jacques. *Psyché - Invention de l'autre*. Paris: Galilée, 1987. p. 237-270.

DERRIDA, Jacques. Signature événement contexte. In: DERRIDA, Jacques. *Limited Inc*. Traduction: Elisabeth Weber. Paris: Galilée, 1990. p. 15-51.

FREUD, Sigmund. *L'interprétation du rêve*. Traduction: Jean-Pierre Lefebvre, Paris: Seuil, 2010a. p. 133-172.

FREUD, Sigmund. Sur la psychologie des processus oniriques. In: FREUD, Sigmund. *L'interprétation du rêve*. Traduction: Jean-Pierre Lefebvre, Paris: Seuil, 2010b. p. 551-592.

FREUD, Sigmund. *Esquisse d'une psychologie / Entwurf einer Psychologie*. Traduction: Susanne Hommel, et alii. Toulouse: Éditions érès, 2019, p. 11-109.

FREUD, Sigmund. Miss Lucy R., 30 anos. In: FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. *Estudos sobre a Histeria*. Tradução: Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 83-94.

JUNOD, Henri A. *Death. The Life of a South African Tribe I: the social life*. Neuchatel: Alpha, 1912.

JUNOD, Henri A. *The Life of a South African Tribe II: the psychic life*. Neuchatel: Alpha, 1913.

LACAN, Jacques. Introduction à la question des psychoses. In: LACAN, Jacques. *Les psychoses - 1955-1956*. Paris: Seuil, 1981a, p. 11-24 (*Le séminaire, Livre III*).

LACAN, Jacques. Thématique et structure du phénomène psychotique. In: LACAN, Jacques. *Les psychoses - 1955-1956*. Paris: Seuil, 1981b. p. 71-163 (*Le séminaire, Livre III*).

LACAN, Jacques. Introduction de la chose. In: LACAN, Jacques. *Le séminaire: l'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1986. Livre VII, p. 7-53.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J-B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. 5^{ème} ed. Paris: PUF, 2007.

NASCIMENTO, Marcos Bulcão. *A Constituição da Realidade Segundo a Psicanálise: Freud e Lacan encontram Kant e Descartes*. Salvador: EDUFBA, 2007.

POLANAH, Luís. *O Nhamussoro e outras funções mágico-religiosas*. Coimbra: Instituto de Antropologia; Universidade de Coimbra, 1987.

Recebido em 22 de abril de 2025.

Aprovado em 17 de junho de 2025.

Resumo/Abstract

Mia Couto: o suplemento de origem, em *Terra Sonâmbula...*

Jose Paulo Pereira

Vimos, no romance de Mia Couto, as implicações do dito de Muidinga, sobre os cadernos de Kindzu, ao chamar-lhes *cartas*. Pensámo-las a partir da noção derridiana de *suplemento* e – para compreender a amnésia de Muidinga – vimos as diferenças que se abriram no campo da psicotraumatologia entre Freud, Pierre Janet e Ferenczi, até psicanalistas que, como Philip Bromberg, hoje pensam a *dissociação* como parte constitutiva de um sujeito plural, em vez de reduzi-la ao *recalcamento* freudiano. Dada a auto-definição de Kindzu como *escritor de sonhos*, perguntámo-nos o que poderia ser uma “escrita pré-literal” – como a dos sonhos tidos, por Muidinga, como “cartas para as nossas outras, restantes vidas”. Isto lendo “Freud et la scène de l’écriture”, de *L’écriture et la différence* e “Ce dangereux supplément...”, de *De la grammatologie*, “Envois”, de *La carte postale* ou “Télépathie”, de *Psyché - Inventions de l’autre*, de Jacques Derrida.

Palavras-chave: psicotraumatologia, sonho, escrita, suplemento, Mia Couto.

Mia Couto: the supplement of (at) the origin, in *Sleepwalking Land...*

Jose Paulo Pereira

We saw, in Mia Couto’s novel, the implications of Muidinga’s referring to Kindzu’s writings as *letters*. We thought they are based on the derridian notion of *supplement* and – to understand Muidinga’s amnesia – and the following the differences, on the field of psychotraumatology, between Freud, Pierre Janet and Ferenczi up to those psychoanalists like Philip Bromberg that, in our days, think *dissociation* as constitutive to the subject as a plural entity, instead of simply reducing it to repression. Given Kindzu’s self-definition as a *writer of dreams*, we asked ourselves what could be a “writing before the letter” – as that of the dreams conceived, by Muidinga, as “letters sent to our other remaining lives” – reading “Freud et la scène de l’écriture”, from *L’écriture et la différence*, “Ce dangereux supplément...”, in *De la grammatologie*, “Envois”, in *La carte postale* and “Télépathie”, in *Psyché - Inventions de l’autre*, by Jacques Derrida.

Keywords: psychotraumatology, dream, writing, supplement, Mia Couto.